

P. P. I.

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, LDA.

GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA

Telef. 36 69 12 - 32 64 54



RECORTES CLASSIFICADOS

IMPrensa SEMANAL

EXPRESSO		AVANTE	
SEMPRE FIXE		PORTUGAL SOCIALISTA	
TEMPO	26 julho	POVO LIVRE	
O JORNAL		ALAVANCA	
NOVA TERRA		UNIDADE	
VOZ PORTUGALENSE		LUTA POPULAR	
		PODER POPULAR	

a MULHER no Tempo presente por DINAH ALHANDRA

Requiem para um Presidente

Ouvi, com a máxima atenção, a entrevista que a Primeira-Ministra indigitada concedeu ao programa «Em Questão», da RTP-1. O que, aliás, nem sequer foi tarefa árdua perante o verbo fácil, a comunicabilidade, a habilidade e a inteligência com que atacou as questões que lhe iam sendo postas, perante a simpatia e o «charme» que a novel Primeira-Ministra (indigitada) possui, indiscutivelmente, às carradas.

Posto isto, dir-se-á que gostei de a ouvir. Não, não gostei mesmo nada.

As mulheres portuguesas têm-se comportado heroicamente nestes anos atribulados da revolução dos cravos. Com apurado sentido das realidades, essencialmente pragmáticas e corajosas, deixaram furadas as marcas da sua presença e da sua militância em todas as frentes de luta pela liberdade e pela democracia. Nas manifestações de rua, nos sindicatos, nas associações profissionais, nos partidos, na comunicação social, nas assembleias de voto, deram lições de patriotismo e de valor. O que constituiu surpresa para muito boa gente, como admitia publicamente, há alguns meses, um intelectual estrangeiro, radicado entre nós e grande conhecedor das nossas gentes e do nosso País, confessando uma admiração sem limites pela mulher portuguesa. Daí que, em condições normais, a indigitação duma mulher para Primeiro-Ministro devesse ser, para todos nós, uma ocasião de júbilo. Até tenho cá um palpite que o Presidente da República jogou precisamente nisso...

Depois, no meu caso pessoal e duma forma puramente afectiva, juntar-se-iam ainda outros motivos: a Eng. Maria de Lourdes Pintasilgo é escassos anos mais velha do que eu, portanto, uma mulher da minha geração, é inteligente e eu sempre admirei a inteligência e é natural de Abrantes, terra onde, entre os dez e os vinte anos, passei grande parte das minhas férias de Verão e da qual guardo alegres recordações. Quem sabe quantas vezes nos termos cruzado nas ruas, nas lojas, no «picadeiro», ou no cinema?

Todo este arrazoado pretende, ao fim e ao cabo, demonstrar que, no que me diz respeito, não é Maria de Lourdes Pintasilgo, ser humano, que está em causa e me merece desconfiança, mas tão somente a sua personalidade política.

A senhora Primeira-Ministra indigitada manifestou o desejo de dialogar directamente com o povo. Aproveito o convite para lhe dizer, sem rodeios, aquilo que penso.

Não compreendo, por exemplo, como se pode aceitar — e aceitar conscientemente — ser procuradora à Câmara Corporativa do antigo regime e, depois, subitamente, vir a trabalhar para a Revolução. Evidentemente, que as pessoas podem evoluir mas, essa evolução é sempre um processo gradual e nunca, quando é sincera, feita de um dia para o outro, por obra e graça duma qualquer revolução.

Também não consigo perceber o que é isso de catolicismo progressista. Inclino-me mais para concordar com o senhor Bispo do Porto o qual, com a autoridade que lhe advém do seu passado de resistente anti-fascista e do seu alto gabarito intelectual, declarava ainda há pouco que os padres e os católicos ditos «progressistas» se tinham equivocado no «clube» e que deveriam mudar rapidamente para outro (clube), mais consentâneo com as suas ideias.

Há depois toda a problemática das suas actuações concretas, quer como membro dos Governos gonzalvistas, em que avulta a deliberada destruição das Misericórdias, através da nacionalização dos seus hospitais, quer como embaixadora na UNESCO, como o tão falado caso da nova ordem internacional para a comunicação social.

Sobre este último tema, lembro-me de ter ouvido uma sua entrevista no programa «O Dito e o Feito» na RDF, em que também intervinha o delegado da Guiné-Bissau e onde a Eng. Maria de Lourdes Pintasilgo cometeu o feito, extraordinário, de ser ainda mais radical e «progressista» do que este último.

Quanto à polémica sobre a defesa da língua portuguesa, parece-me amplamente esclarecedora esta passagem do livro de António Maria Pereira, «A Língua Portuguesa em Perigo», recentemente publicado, que passo a transcrever:

«Invocando peregrinas razões que não resistem a uma análise objectiva — um imaginário receio de ferir susceptibilidades dos países africanos e um suposto custo exagerado que para Portugal resultaria da adopção do português — a nossa embaixadora junto da UNESCO, Eng. Maria de Lourdes Pintasilgo, não deu cumprimento às instruções do

Ministério dos Negócios Estrangeiros a que acima me referi. Assim, em vez de requerer a admissão do português como língua de trabalho da UNESCO, preferiu utilizar circuitos paralelos que conduziram ao congelamento da ofensiva em curso pela promoção internacional do português.

Nada tenho contra a embaixadora Maria de Lourdes Pintasilgo, que só o vir-se aqui ver uma única vez, durante breves minutos, em Paris, aquando de uma das minhas já numerosas deslocações oficiais à UNESCO e que me dizem ser uma senhora muito brilhante e inteligente — inteligência essa que, aliás, ficou, ao que parece, demonstrada, quando fez parte da equipa do então major Melo Antunes, encarregada de elaborar, em Janeiro de 1975, portanto em pleno «gonçalvismo», o «Programa de Política Económica e Social» que se tornou conhecido por «Plano Melo Antunes».

A conotação da embaixadora Maria de Lourdes Pintasilgo como «melo-antunista» não me impressiona. O que interessa, neste momento, acentuar é que a senhora Embaixadora Maria de Lourdes Pintasilgo está na origem do congelamento da ofensiva do Ministério dos Negócios Estrangeiros pela promoção internacional do português — e aqui estamos diante de uma acção cuja gravidade histórica é imensa.»

Confesso que continuo a não perceber os motivos que terão levado a nossa embaixadora junto da UNESCO a uma tal posição, a menos que se trate, pura e simplesmente, do seu desejo de facilitar a vida aos cubanos que ocupam Angola e Moçambique!

E eis-nos chegados ao melo-antunismo que, no dizer da senhora Primeira-Ministra, é apenas mais uma manifestação do nosso provincianismo.

Sejamos pois provincianos (quantas lições não têm os cidadãos recebidos dos provincianos!), primários até!

Não julge a senhora Primeira-Ministra indigitada que melo-antunismo é entendido como designação duma nova ideologia. É um termo com forte carga pejorativa e que se refere a certas opções terceiro-mundistas, ditas «progressistas», ao sonho peruano da nova classe político-militar pintalgada de vermelho, cujo expoente (aparente, pois poderão existir outros, na sombra) é o Tenente-Coronel Melo Antu-

nes. Nem se trata, como nos quis fazer crer, à guisa de poeira nos olhos, da questão norte-sul, mas sim leste-oeste. Essa é que é a verdade! De resto, a maioria do nosso povo nem sequer é tão sofisticada e reduz toda a questão, muito simplesmente, a isto: «é vermelho ou não é vermelho?», «é comuna ou não é comuna?» É que, queiramos ou não, a bipolarização está feita e olhe que não fui eu nem os meus correligionários que a originámos. Foram os seus!

Somos um povo de pacóvios e provincianos? Seja! Nem todos podem ter a sorte de ser nomeados embaixadores e viver em Paris em meios tão requintados! Mas o seu ilustre amigo Mário Soares disse um dia que «temos de viver com aquilo que temos» e é este o povo que temos, o povo que somos, o povo que V. Exa. terá de (tentar) governar.

Quanto aos seus planos para a governação e às opções de fundo a que aludiu, disse nos ocuparmos numa próxima ocasião. Por agora, só quero dizer-lhe que, no fundo, nada do que aqui fica dito tem muito a ver consigo.

Daí o título desta crónica, já que a sua indigitação foi, de facto, o dobre de finados da vida política do homem em quem 61% dos eleitores portugueses depositaram tantas (demasiadas) esperanças!

Também poderia ter-lhe chamado «O Logro», pois que de logro se trata querer fazer passar um V. Governo Constitucional, aos olhos dos portugueses, como mero Governo para preparar eleições.

Outro título possível teria sido «O Lobo na Pele do Cordeiro», que tanto se poderia aplicar ao General Ramalho Eanes como a V. Exa., senhora Primeira-Ministra indigitada...

Mas não. O título está certo. Agora, o que é preciso conseguir a todo o custo é que os portugueses acordem a tempo de se opor a que todo este «maquiavelismo saloio», como lhe chamou Sá Carneiro, não venha a redundar num triste e lúgubre dobre a finados para as nossas legítimas aspirações a uma vida livre, digna, justa e democrática.

Até porque a senhora Primeira-Ministra indigitada já declarou publicamente saber com exactidão o que quer e para onde vai, numa citação *ipsis verbis* da frase proferida por outro estadista em 1926. Estadista que só se manteve no Poder uns quarenta e tal anos!

Lapsus linguae revelador?